

VISÃO DO CORREIO

O botão que não desliga

Em algum momento durante um teste de rotina, um agente autônomo de inteligência artificial desenvolvido pela OpenAI decidiu, por conta própria, que os limites programados por seus criadores eram um obstáculo a ser contornado. O sistema invadiu os servidores, atacou serviços públicos e operou fora de qualquer supervisão humana por dias — sem que ninguém percebesse. Quando a falha foi identificada, o debate sobre os riscos da IA ganhou um dado que nenhuma projeção teórica consegue substituir: um caso real, documentado e indefensável.

A confirmação do episódio nesta semana, pela própria OpenAI, é o fim definitivo do benefício da dúvida. O fato de ter ocorrido durante um teste de rotina e passado dias despercebido pelos próprios criadores tira o debate sobre os riscos da tecnologia das abstrações e o joga diretamente na pauta da segurança global. A tese é clara e alarmante: o mundo está transferindo poder de decisão e acesso irrestrito a sistemas cujo comportamento não compreendemos integralmente, enquanto as defesas cibernéticas institucionais e governamentais permanecem amadoras diante da ameaça.

O perigo real não reside em um cenário de ficção científica, mas na arquitetura silenciosa do nosso cotidiano. Sistemas de inteligência artificial estão sendo aceleradamente integrados às redes de distribuição de energia, ao ecossistema financeiro, à logística de transportes e aos bancos de dados de governos ao redor do mundo. Quando um programa se mostra capaz de tomar decisões autônomas para explorar falhas de segurança sem qualquer supervisão humana, o risco deixa de ser uma anomalia de código.

Um vazamento sistêmico em larga escala se traduziria em apagões, paralisação de cadeias de suprimentos e caos bancário, atingindo o preço dos alimentos, a geração de empregos e a estabilidade do cidadão comum, com impactos mais severos onde a resiliência digital é mais precária.

Há uma contradição flagrante na postura das gigantes do setor. As mesmas corporações que assinam cartas abertas pedindo regulações globais correm uma maratona comercial implacável para lançar produtos cada vez mais independentes, priorizando o domínio de mercado em detrimento da segurança. O resgate histórico recente mostra que a promessa de mecanismos de contenção de emergência (os chamados “botões de desligamento”) é uma falácia retórica. Se os desenvolvedores de ponta demoram dias para notar que a própria criação escapou do escopo programado, a ideia de que haverá tempo hábil para puxar a tomada antes de um colapso em rede é o mesmo sem lastro.

Não há margem para deslumbramento tecnológico quando a estabilidade das nações está em jogo. Cúpulas e fóruns internacionais que terminam em memorandos de boas intenções não oferecem qualquer barreira pragmática contra agentes indomáveis. A comunidade global precisa abandonar a euforia e assumir uma postura de defesa rigorosa, exigindo o isolamento compulsório de sistemas vitais e auditorias externas independentes antes de qualquer nova integração à rede pública. O alerta foi dado de forma didática, e reconhecido pela própria OpenAI. Ignorá-lo não é uma aposta na inovação. É o roteiro para um desastre do qual não haverá como se recuperar.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Eleição 1

O lançamento da candidatura de Renan Santos (Misão) causou-me perplexidade e preocupação. Perplexidade, porque ele proferiu palavras (com direito a xingamentos de baixíssimo nível de seus apoiadores ao presidente Lula — que não vou reproduzir aqui em respeito aos leitores do jornal), prometeu matar quem roubar (o Brasil não tem pena de morte), xingou Flávio Bolsonaro de “mongoloide” e Lula, de “velho senil”, termos extremamente asquerosos para se referir a quem quer que seja. Já o que mais me preocupou foi o fato de tantos absurdos ditos em tão pouco tempo terem recebido aplausos esfuizantes não só da plateia no local, mas de muitos ingênuos nas redes sociais que, em pleno 2026, ainda acreditam que discursos raivosos vão realmente resolver nossos problemas. Aliás, ele terminou o discurso pra lá de bélico dizendo que nunca foi candidato e que nem sabe “como isso funciona”. Pois é. E quer ser presidente do Brasil.

» **Leandro Vargas**
Lago Sul

Eleição 2

Há campanhas que avançam com força, alianças e estratégia. E há campanhas que, antes mesmo de começar, já mostram o peso da própria solidão. A de Flávio Bolsonaro está nesse segundo grupo. A cada dia que passa, fica mais claro que o pré-candidato corre atrás de um vice não por escolha, mas por falta de opção. Isso é sinal de que a candidatura não empolga, não agrega e não convence. Uma campanha que prometia amplitude agora se vê empurrada para uma chapa “puro-sangue”, limitada ao próprio PL. Penso, com meus botões, que a vice será Michelle Bolsonaro! Seria o clímax de um roteiro traçado pelos marqueteiros, ou seja, após uma “briga” familiar, a madrastra perdoa o enteado e decide apoiá-lo no momento decisivo. Vale um Oscar!

» **Pacelli M. Zahler**
Sudoeste

Eleição 3

Com todo esse descrédito que agora tem o Brasil tanto com a maior potência do mundo, os Estados Unidos, quanto com vários países vizinhos, como Paraguai, Argentina, Peru e Colômbia, vai ficando insustentável manter Luiz Inácio Lula da Silva na Presidência por mais quatro anos. Não seremos mais respeitados em canto algum. Qual país avança sem ter chances de projeção internacional? Nem nossos diplomatas, que passaram em concursos públicos, são mais respeitados. É o fim da picada para o país que já foi, ao menos, um líder regional.

» **Jorge Fonseca**
Asa Sul

STF

A pergunta que não quer calar: na nossa democracia, quando um presidente escolhe um ministro para o Supremo Tribunal Federal (STF), ele não teria que julgar e determinar que a Polícia Federal investigue todo os suspeitos de fraudes, crimes políticos e financeiros, além de outros cometidos ilegalmente independentemente de que partidos a pessoa pertença? Não é o que

Editora: Carmen Souza // carmensouza.df@dabr.com.br
opiniao.df@dabr.com.br || **3214-1157**

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

TSE proíbe adesivos de propaganda eleitoral em veículos de aplicativo. Democracia pura: o carro é particular, mas o direito do que fazer com ele, não.

Bruno Fontoura — Brasília

O sonho de todo candidato é ter um ministro do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) para chamar de seu.

Abraão F. do Nascimento — Águas Claras

O próprio Lula declarou publicamente que determinou o cancelamento do visto da equipe de observadores americanos que viriam ao Brasil para observar as eleições. Os EUA estão aplicando a reciprocidade.

Vladimir Silva — Pernambuco

Na busca por um vice para compor a chapa presidencial, o senador Flávio Bolsonaro tem recebido sucessivas negativas. Diante desse cenário, parece ter inaugurado um novo ditado popular: “diga-me com quem andarei, e eu decidirei se vale a pena acompanhá-lo.”

Marcus Aurelio de Carvalho — Santos (SP)

Calor extremo mata 16 pessoas na Coreia do Sul; onda de calor mata leões no Japão, Áustria registra calor histórico e 41°C. Eu, realmente, não acredito que ainda tem gente que não acredita que vivemos uma grave crise climática!

Manoela Ramos — Asa Norte

estamos vendo. Há ministros agindo de forma contrária à determinação da democracia brasileira.

» **Evanildo Sales Santos**
Brasília

Terror

Trailer de terror na vida real. Com planos mirabolantes para tumultuar as eleições de outubro. Cenas de pavor seriam, em série, na capital federal. Os alvos visariam atacar com bombas ministérios, o Congresso Nacional e o Palácio do Planalto. A Polícia Civil de Brasília agiu rápido e com firmeza, prendendo membros da famigerada quadrilha, que já mapeava detalhes das operações, com as facilidades da modernidade oferecidas pela internet.

» **Vicente Limongi Netto**
Asa Sul



RODRIGO CRAVEIRO
rodrigo.craveiro@gmail.com

O repórter e a dor do outro

Esqueça a imagem do jornalista frio, marcado pelo distanciamento do fato e pela ideia de isenção, que quase o desumaniza. Esse jornalista não existe. Em quase três décadas no exercício do jornalismo, conheci pessoas pelas quais era impossível não sentir empatia. Você deve se lembrar da imagem do pequeno Alan Kurdi, o menino de 2 anos engolido pelo Mar Mediterrâneo e encontrado morto em uma praia da Turquia, em 2 de setembro de 2015. A camiseta vermelha, a bermuda e os tênis davam a impressão de que ele dormia. Falei com Abdullah Kurdi, pai de Alan. Perdeu os dois filhos e a esposa na tragédia. Sua família queria apenas chegar à Europa. Mas o naufrágio afogou todos os seus sonhos. Ao fim da entrevista por telefone, senti vontade de abraçar Abdullah, caso estívéssemos frente a frente.

Pude dar um abraço em Aram Hovsepian, 29 anos, e em sua mãe Susana, 61, quando visitei Kornidzor, na Armênia, um vilarejo localizado a 2km do enclave de Artsakh, também conhecido como Nagorno-Kharabakh. Em 19 de dezembro de 2023, a família Hovsepian e outras 100 mil pessoas fugiram às pressas de Artsakh, depois que as forças do Azerbaijão invadiram o território e promoveram uma limpeza étnica. Imagine olhar pela janela, enxergar, ao longe, a terra onde nasceu e saber que jamais voltará, sob pena de ser executado por franco-atiradores.

Susana e Aram me receberam com porções generosas de Zhingtalov hats,

um pão folha recheado de ervas e vegetais, típico de Artsakh. Nos olhos de mãe e filho havia dor e saudade. Antes de partir, pedi que permitissem uma fotografia ao lado deles. Sinal de gratidão por ter aprendido tanto sobre resiliência.

Entrevistei sobreviventes do Holocausto nazista e me emocionei com histórias trazidas do inferno. Nas palavras de quatro idosos, ressoava o trauma do pesadelo que foram obrigados a carregar por toda a vida. As experiências nas mãos do médico sádico Josef Mengele, o “anjo da morte”; as separações dos pais, levados para a fila das câmaras de gás; o cheiro nefasto da morte nos crematórios de Auschwitz.

Anos depois, visitei o Yad Vashem, o Memorial do Holocausto, em Jerusalém, e pude ter um pequeno vislumbre de tudo o que os judeus passaram. Ao ver a reportagem publicada — com um belíssimo trabalho de arte e diagramação do **Correio**, em 2015 —, chorei. Assim como as lágrimas vieram ao ver os uniformes dos prisioneiros dos nazistas e, ao escutar os nomes de crianças assassinadas por Hitler. Também ao escutar o relato pavoroso de Motasem Dalloul, jornalista palestino que teve a esposa e dois filhos mortos por Israel — um deles esmagado por um tanque.

Jornalistas não são desprovidos de emoção. Quando apuramos uma notícia e escutamos um relato doloroso, talvez o lado do repórter mascare um pouco o lado do ser humano. Finalizado o nosso trabalho, nos colocamos sempre no lugar do outro. E aprendemos muito a valorizar a vida.

CORREIO BRAZILIENSE

*“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegara”*
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

VENDA AVULSA		ASSINATURAS*
Localidade	SEG/SÁB	DOM
		SEG A DOM
		R\$ 1.187,88
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00
		360 EDIÇÕES
		(promocional)
Assine		
(61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp		
*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.		
Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 99158.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.		
Anuncie		
Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp		
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp		
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp		

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A Press. Tel: (61) 3214-1131

DIÁRIOS ASSOCIADOS

D.A Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco 1, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF;
de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br